

ETIMOLOGIAS

R. F. Mansur Guérios
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

As etimologias que publicamos no n.º 32 desta revista LETRAS, 1983, p. 94 a 106, seguem-se agora outras, que poderiam ser editadas, em eventual 2.ª edição, ao nosso DICIONARIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, editado em 1979 — Biblioteca Universitária sob a direção do Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, USP, Cia. Editora Nacional e Editora da UFPR.

CUMPRIMENTO(S) — “Encher inteiramente, completar” é a tradução do lat. COMPLERE, composto de COM (idéia de totalidade) e PLERE, “encher”. No lat. vlg. houve *COMPLIRE, de que são continuações o port. arc. COMPRIR, o provençal, o catalão e o francês arc. COMPLIR, etc.

Do port. arc. (verbo) COMPRIMOS, COMPRIDES, etc., em que a vogal O, fechada, é átona, esta passou a U: CUMPRO, CUMPRES, CUMPRE, . . ., CUMPRIR . . . CUMPRIR é “efetuar, executar”, cujo sentido é explicado adiante. O particípio arc. COMPRIDO, “enchido inteiramente; completado”, veio a significar “completo extensamente”, donde “extenso; longo; alto”. Permaneceu a grafia do port. arc. com que se distingue de CUMPRIDO, part. de CUMPRIR.

Ainda de COMPRIR se fez COMPRIMENTO, “extensão de um objeto, desde o começo ao fim dele; tamanho”.

CUMPRIMENTO, “saudação” (muito frequente no plural), é adaptação do espanhol CUMPLIMENTO, “preenchimento das exigências de cortesia”, e aqui se justifica a idéia fundamental de “encher, preencher”, e a decorrência em CUMPRIR do sentido de “efetuar, executar”.

CUMPRIMENTO(S) é também “ato de polidez que se demonstra por palavras ou por escrito; expressão de civilidade que alguém manifesta a outrem para transmiti-la a quem está

ausente”; “gesto que se faz por cortesia a alguém, abaixando a cabeça, ou levantando (homem) o chapéu e repondo-o logo na cabeça, ou elevando a mão a ela à semelhança de continência”.

O plural CUMPRIMENTOS, de modo especial, vem a ser “cortesia que, em certos dias, prestam ao chefe de Estado os dignitários e diferentes corporações”.

A locução port. POR CUMPRIMENTO quer dizer “por cerimônia, e não com boa vontade e franqueza”.

São também adaptações do espanhol o francês COMPLIMENT e o italiano COMPLIMENTO. O francês passou ao inglês COMPLIMENT e ao alemão KOMPLIMENT.

CANECA — “vaso de barro ou madeira, para vinho” (Moraes); “vaso de barro ou madeira, com asa” (J.I. - Roquete), é, pelo sufixo -(E)CA, diminutivo de *CANA, do port. arc. E este é continuação do lat. CANNA, “espécie de junco de que se fazia vasilha, etc.”

Conforme se deduz de um estudo de Henry — Renée Kähane e Angelina Pietrangeli (“Egyptian Papyri as a Tool in Romance Philology” — *Romance Philology*, v. 17, n.º 2, 1963), uma raiz helênica *KANN-, primitivamente “cesto”, veio a ser aplicada na cerâmica ao “vaso, recipiente para líquido” (cf. grego KÁNES, “trançado de junco”; KÁNEION, “canastro”; KÁNEON, “cesto; tigela; vaso”). E de um diminutivo KANÉTION, “cestinho”, passou ao lat. CANNATA, “vaso”, mediante substituição de sufixo. De CANNATA (hipotético para REW) decorre o port. arc. CANADA, “bilha, cântaro”, documentado em Jorge de Faria: “... e eles juntarõ-na a corda e legarão a canada na corda e tiravã assim a agua de cada dia” (*Rev. Lus.*, 27, p. 18).

CANADA é também “medida de capacidade”, baseada em recipiente convencional.

E segundo os citados lingüistas, *KANN- ou o gr. *KANNA tem origem oriental, semítica (cp. hebreu QANE(H), “juncos”).

O gr. KÁNASTRON, da mesma raiz, com influência de CANNA (lat. CANNASTRA), deu o port. CANASTRA, “cesto” (S. da Silva Neto, *Hist. da L. Port.*, p. 300). A forma CANASTRO deriva do lat. *CANNASTRU, “resultante do cruzamento de CANISTRU, “cesto”, com CANNA” (J.P. Machado). Todavia, parece melhor admitir CANASTRO como derivado de CANASTRA. CANASTRO é “cesto mais alto e estreito que a canastra” (F. de Almeida).

O port. CANECO é de formação secundária, de CANECA. O sufixo -(E)CA, indicador de diminutivo, é comumíssimo no português.

ORÁCULO — termo erudito, do lat. ORACULUM, possuía primitivamente o valor, conforme Benveniste, de “lugar onde se fazia petição (a um deus)”, como AUGURACULUM era “lugar onde os áugures observavam o vôo das aves em Roma”. E, segundo o mesmo A., o significado “oráculo, petição ou resposta” é decalque no grego CHRESTÉRION, que é, ao mesmo tempo, “lugar do oráculo” e “oráculo”.

A influência helênica em Roma tem a seu favor, entre outros, o célebre oráculo de Delfos, presidido por uma sacerdotisa de Apolo, uma PYTHÍA, “pitonisa”.

Aplicou-se ORACULUM no Antigo Testamento, entre outros sentidos, para designar a parte interior do santuário onde se achava a Arca da Aliança, e onde se faziam consultas a Deus (Números 7,89).

No Cristianismo de outrora dava-se o nome ORACULUM à palavra do papa ao referir-se às Sagradas Escrituras, e assim também às palavras inspiradas pelo Espírito Santo.

Sob a forma culta port. ORÁCULO veio a ser também “a Revelação Divina”, e figuradamente “verdade infalível, ou pessoa que a diz”, e no port. antigo “despacho vocal, que o papa dá a requerimentos” (Fr. Luís de Sousa, VIDA DO ARCEBISPO DE BRAGA, D. BARTOLOMEU DOS MARTIRES, “apud” Morais).

O termo, popularizado em português, passou a ORAGOO e daí a ORAGO, com extensão de sentido, “santuário em que se invoca um santo”, e, por fim, “o santo da invocação que dá o nome a uma igreja ou capela”.

ORACULUM tem por base o verbo lat. ORARE (onde o port. ORAR), o qual pertencia à linguagem religiosa e jurídica dos romanos: “pronunciar uma fórmula ritual, uma oração (p.ex., ORARE DEOS, “pedir, rezar aos deuses”), ou um discurso jurídico (p.ex., ORARE LITEM, CAUSAM, “defender uma causa”). Usava-se também intransitivamente.

No Cristianismo ORARE veio a ser “rezar; suplicar”. Tem base em OS, ORIS, “boca”. ORATOR primitivamente era “embaixador encarregado de uma mensagem oral”, depois “orador” (onde o port. ORADOR).

Em egípcio ant. RE, “boca”, veio a ser também “linguagem; frase”; no sumério KA é “boca” e “fala”; no xiluque (Sudão — Guiné) DOK é “boca” e “linguagem”.

BURACO — “pequena abertura; furo; cavidade; cova; toca; casa pequena” (F. de Almeida) é de etimologia problemática. Juntamente com o galego e o leonês BURACO provavelmente seja derivado de um lat. *BURACCU, diminutivo de *BURA, “buraco; furo; etc.”, e este, na opinião de Corominas, talvez seja de uma língua pré-romana, justificado pelo galego

BURA, “buraco em grades de carro”, e por BORA, nome frequente de cavernas no norte da Catalunha, e, mui difundido com o significado de “buraco, cavidade” na Valônia, Champanha, Lorena, na zona franco-provençal, Grisões, Vêneto e Lombardia (Corominas). P.ex., valão BOR, “buraco em árvore, etc.”, BORÉ, “cavar”, lombardo BORO, “furador”. No italiano arc. BURO era “subterrâneo”.

O diminutivo lat. *BURACCU tem correspondências com outras formas, isto é, dotadas de sufixos de diminutivo diferentes: galego BURATO (em maior difusão que BURACO), e, em regiões da Espanha BURATU, “ferida”; italiano BURELLA, “fossa, cova; lugar escuro; passagem subterrânea. Base de todos: *BURA. O lorenês BUROT, “buraco em parede, etc.”, certamente diminutivo, é plausivelmente esteado em EURO. Todos estes diminutivos são de formação vernácula; não têm a mesma antiguidade de BURACCU.

Du Cange averba o baixo-latim BORRA como “cova com água estagnada”, e Meyer-Luebke em seu REW registra BURRA (com U breve), “buraco”. Ambos devem ser variantes das formas com R, simples (RR, alongamento expressivo?), e a elas se prendem o italiano antigo BORRA, “fossa”, e atual BORRO, idem, e o diminutivo do diminutivo BORRATELLO, “barranco”, “despenhadeiro”, que assenta em BORRATO, e justificado pelo italiano BURRATO, idem, ambos símiles do galego BURATO, citado acima. Acresentem-se os cognatos do italiano BURRONE, BORRONE, “barranco; despenhadeiro”.

No port. arc. ao lado de BURACO havia FURACO (e FURACU). S. da Silva Neto (REV. DE CULTURA, 181, p. 34) admite a existência, no lat. vlg., de *FURACCU, para explicar aquele, e de onde promanam FURACAR e ESFURACAR, “esburacar”. Formas com F- existem, p. ex., na Galiza, Astúrias ocidentais, Astorga e Salamanca. LA FURACA é topônimo da Espanha. No asturiano: FURACU e AFURACAR, e em autores espanhóis: FORACO, FORACAR, HORACO, HORACAR. As formas com -O- são explicadas por cruzamento de HORADO (de HORADAR, “furar”) com BURACO.

S.S. Neto (ibidem, p. 34) dá como étimo de FURAR não o lat. FORARE, “esburacar”, porém uma variante *FURARE, e é claro que *FURACCU neste se baseia. E trata-se igualmente de diminutivo.

O lat. FORARE é cognato do alemão BOHREN, inglês e dinamarquês BORE, islandês BORA, holandês BOOR, sueco BORRA, todos com o sentido de “furar, esburacar”, e do gr. PHARAO, “lavrar (a terra)”.

Se se postular um pré-romano *BURA para BURACO, etc., é possível relacioná-lo com o proto-indo-europeu *BHOR,

*BHER, raiz do lat. FORARE, das formas germânicas e do grego.

FÓRCEPS — “tenaz ou instrumento cirúrgico de dois ramos articulados, como pinças, para preensão, compressão ou tração”, é o lat. FORCEPS (outra forma: FORCIPES), “tenaz ou torquês de ferreiro”. Resulta da sincope de FORMUCAPES, forma antiga conservada por Sextus Pompeius Festus, gramático do séc. 2.º ou 3.º d.C.

Trata-se de um composto, cujo primeiro elemento é FORMUS, “quente”, e o segundo *CAPES, co-radical de CÁPERE, “pegar, apanhar”. Era utensílio com que se apanhava algo quente, documentado por aquele autor: “Fomucapes forcipes dictae quod forma capiant, id est ferventia” — “assim chamadas porque apanham objetos (moldes, etc.) quentes”. Mas o lat. FORCEPS veio a ser também “instrumento de cirurgia, isto é, boticão, etc.”, documentado por Aulus Cornelius Celsus, médico romano do 1.º séc. d.C. Teve também outros significados.

FORMUCAPES talvez seja construído de acordo com o grego PYRÁGRA, “tenaz, pinça”, composto de PYR, “fogo”, e *AGRA, co-radical de AGREÓ, “pegar, apanhar” (Ernout e Meillet).

LUNETA — Este termo, “instrumento óptico”, é adaptação do francês LUNETTE (dim. de LUNE, “lua”), mas nada tem de ver com a Lua. Segundo Bloch e Wartburg, além de diferentes objetos de forma redonda, designou o vidro de um espelho redondo (aí por 1280). Depois veio a ser aplicado às lunetas feitas de dois vidros redondos, inventadas pelo florentino Salvino Armati (ou Silvestre degli Armati, falecido em 1319). Foi assim também chamada a luneta astronômica, inventada ou reinventada no começo do séc. 17. Entra, então, o nome do óptico holandês Hans Lippershey (1570-1619), de Middleburg, que fabricou aí por 1608, a primeira luneta de alcance binocular (luneta de Galileu). Todavia, há quem recue essa data para 1590.

Foi Galileu Galilei (1584-1642) o aperfeiçoador da luneta astronômica, em 1609, dando-lhe o nome italiano OCCHIALE, “óculo” (adjetivo, “ocular”, passou a substantivo), baseado em OCCHIO, “olho”, mas também o denominou CANNONE, não a todo o aparelho, senão tão-só à parte tubular, o “cânudo, tubo”. A este, sem incluir as lentes, chamou CANNNA.

Galileu na LETTERA INTORNO ALLA LUNA (Carta acerca da Lua) diz o que se deve observar quanto ao uso do óculo: “que o instrumento esteja firme, e, por isso, é bom... fixar o tubo... E igualmente bom que o tubo se possa alongar ou reduzir um pouco... E que o vidro seja convexo...”

(“apud” V. Pisani). Daí se deduz que o OCCHIALE compõe-se de um tubo (CANNONE) e de vidros (VETRI). Outras pessoas deram-lhe, então, o nome OCCHIALE DEL GALILEO.

Parece que Galileu criou ainda o composto CANNOCCHIALE, citado em uma outra carta, e certamente para explicitar melhor que se trata do instrumento (CANNONE) para a vista, e, então, OCCHIALE é adjetivo: “tubo ocular”. Porém o famoso astrônomo veio a empregar também TELESCOPIO, termo criado em 1609 por Federico Cesi (1585-1630), fundador da ACADEMIA DEI LINCEI (Roma, 1603), latinizado — TELESCOPIUM —, composto dos elementos gregos TÉLE, “longe”, e SKOPEÔ, “olhar, ver”.

Sobre o modelo de TELESCOPIUM criou-se o MICROS-COPIUM, com o grego MIKRÓS, “pequeno”, “instrumento de óptica que amplifica os objetos”. Atribui-se a invenção (1610) ao holandês Zacharias Jansen (1580-1638). A outro holandês, o físico Cornelius van Drebbel (1572-1634), atribuem igualmente a invenção de um microscópio (1610).

Já na antiguidade inventaram-se microscópios. O arqueólogo inglês Austen Henry Layard (1817-1849) descobriu nas ruínas de Nínive uma lente convexa de quartzo.

HIGRO- — O componente de origem grega HIGRO-, “úmido, molhado”, é cognato do grego HIDRO-, “água”. HIGRO- acha-se, p. ex., em HIGRÔMETRO, “instrumento para medir a umidade do ar ou de um gás”, e HIDRO-, p.ex., em HIDRÔMETRO, “aparelho que mede a quantidade de água consumida em residência”, etc.

Enquanto HIDRO- (gr. HÚDÓR, HÚDATOS) tem por ascendente a raiz indo-européia *WED-, *WOD-, tem HIGRO- (HUGRÓS, HUGROÚ) a mesma raiz sob a forma *WODG- < *WOD-K.

A primeira forma correspondem hitita WATA-R, inglês WATE-R, “água”, WET, “úmido”, eslavo ant. VODA, sânscrito UDÁN, lat. UNDA, “onda” (deriv. de *UDDA ou de *UDNA), lat. UDO-R, “umidade”, frígio BÉDU, “água”, etc. E à segunda a correspondência é talvez com o sânscrito UDA-KÁ, eslavo VODA-KA, ambos com o sufixo de diminutivo (“agüinha”), e extra-indo-europeu: árabe WADA-KA, “chover”.

TALENTO — O gr. TÁLANTOS, “unidade de peso entre os antigos gregos”, baseado em unidade babilônica, é cognato de TLÉNAI, que, entre outros sentidos, possui o de “ter o valor de”.

Visto como o ouro e a prata não foram cunhados antes do séc. 7.º a.C., o uso da balança para peso de metais precio-

sos levou ao emprego da unidade de peso como uma unidade de valor, e depois aplicado a moeda. Tanto a unidade de peso quanto ao valor da moeda variavam de região a região.

No lat., sob a forma TALENTUM, recebido do grego, passou como aqui, a termo da Bíblia, a traduzir o hebraico KIKKÂN. Do sentido de "moeda, dinheiro" veio a ser a "riqueza" e a "riquezas morais" — MORUM TALENTA — em autores cristãos.

O vocábulo entrou no port. pela Bíblia — TALENTO — forma erudita. Da parábola dos talentos em S. Mateus (25,14-30), na qual cada servo, com exceção de um, fez render os dinheiros que lhes entregou o patrão, decorre o significado de "habilidade, aptidão, inteligência, engenho", assim, p.ex., PESSOA DE TALENTO, ARTISTA DE TALENTO, etc., e dai o adj. TALENTOSO.

Dessa narração evangélica, em que um dos servos recebeu apenas um talento sem render nada, pois o enterrou, proveio a frase-feita ENTERRAR OS TALENTOS, isto é, "não cultivar a disposição natural, a vocação, para qualquer coisa".

No port. arc., sob a forma TALANTE, "vontade, desejo", é de origem francesa ou provençal — TALANT — "disposição do coração, inclinação; intenção, vontade" (hoje, de uso só na locução A SEU TALANTE, "à sua vontade, ao seu arbítrio"). Vem a propósito a divisa do Infante D. Henrique, o Navegador (1394-1460) — TALANT DE BIEN FAIRE — literalmente "desejo de bem fazer", i.e., "empenho em cumprir bem o dever".

O gr. TÁLANTON chegou progressivamente a valer "prato de balança", depois sua "inclinação pelo peso" e dai "inclinação, desejo", e assim a inclinação da vontade seria o "desejo" (J. Veny Clar).

Do lat. TALENTU popularmente derivou TENTO, através de *TAENTO e TEENTO, a exprimir "peça de marfim, de ouro, etc., com que se marcam pontos em jogos", e, figuradamente, "cômputo, cálculo". Tal advém da idéia de "moeda, penhor" ou seu equivalente" (Gonçalves Viana).

Na linguagem futebolística usa-se muito de TENTO como sinônimo de GOL.

ESTRADA DE FERRO — No Brasil: ESTRADA DE FERRO, em Portugal: CAMINHO DE FERRO. Fato simile ocorre no inglês: na Inglaterra RAILWAY e nos Estados Unidos RAILROAD.

Parece que o port. CAMINHO DE FERRO é tradução do francês CHEMIN DE FER, que, na França, no séc. 18, já era de uso para uma pequena rede desse meio de locomoção, mas tirado por cavalos. E o fr., consoante Dauzat, é decalque do inglês RAILWAY.

Na Alemanha, segundo uns, em 1530, foram construídas as primeiras carretas com rodas de madeira que deslizavam sobre trilhos também de madeira, principalmente para o transporte de carvão. O sistema foi adotado, em 1502, nas minas de Newcastle do Tyne, Inglaterra, mas pelo desgaste rápido da madeira, cobriram-se os trilhos com chapas de ferro, que eram renovadas quando gastas. Em 1767 passaram a ser de ferro fundido, e em 1805 foram experimentados trilhos de ferro forjado, e, em seguida, empregou-se o aço.

Em 1764, graças ao aperfeiçoamento da máquina de vapor, fixa, do engenheiro escocês James Watt (1736-1819), foi ela aplicada, em 1770, pelo engenheiro francês Joseph Cugnot (1725-1804), a um veículo, e, em 1771, a outro, de três rodas a que deu o nome de FARDIER (derivado de FARD, "fardo"), para o transporte de cargas pesadas (FARDIER DE CUGNOT).

O engenheiro inglês Richard Trevithick (1771-1833) construiu no fim de 1801 a primeira locomotiva de vapor, e, no País de Gales, em 1804, pôs em uso uma composição na linha Cardiff-Merthir, mas somente em 1830 foi inaugurada a primeira linha regular, Liverpool-Manchester.

O sinônimo de ESTRADA DE FERRO (ou de CAMINHO DE FERRO) é FERROVIA, de origem italiana, como de igual origem é FERROVIÁRIO, adj., e subst. como "funcionário de uma estrada de ferro".

BAGA — Segundo o testemunho de Varrão (116-27 a.C.), numa obra sobre Agricultura, o vinho, na Península Ibérica, era chamado BACCA ("uinum in Hispania bacca"). Na opinião de E. Sereni, o vocábulo faz parte de uma isoglossa que abrange a Ibéria, a Ásia anterior e o Cáucaso, e na qual entraria o teônimo BÁKHOS (lat. BACCHUS), "o deus do vinho", o berbere TA-BAKA-T, etc., e o egípcio ant. B'K, "pequeno fruto redondo e sucoso" e depois "azeitona".

É muito provável que BÁKHOS fosse antes o nome comum da "uva" (no caso a uva personificada), pois qualquer nome próprio é antes nome comum. Da uva teria passado a vinho. Na iconografia, Baco é figurado como um jovem coroado de cachos de uva e de parreiras.

Mas, se na Ibéria e alhures BACCA era o vinho, o sentido anterior não desapareceu, mas apenas modificou-se: em port. BAGA, resultante da variação latina BACA (com um C- apenas), veio a ser "fruto carnudo quase esférico em cuja polpa se acham sementes", ou consoante Morais, "fruto miúdo semelhante a bagos de uva..." É relichto comprovante BAGA, "casta de uva da Beira" (F. de Almeida, C. de Figueiredo). Ao lado de BAGA existe o masculino BAGO, que, no dizer de J.P. Machado, é deduzido do feminino, mas cujos

sentidos “cada fruto de cacho de uva” e “fruto ou grão que lembra a uva” vêm confirmar que BAGA era outrora uva”. Em Matosinhos, Portugal, “um BAGO” diz-se de “uma uva” (RPF, XV, 2, 1961, p. 92). Possui este mesmo sentido e forma o galego e o espanhol de várias localidades, inclusive das Canárias, e no catalão como diminutivo BAGÓ.

Derivado é o esp. de Salamanca BAGULLO, “semente de uva”. Este é o port. BAGULHO, idem, pode vir de um duplo diminutivo lat. *BACUCLU, com o qual é possível admitir um masculino *BACU, que explicaria melhor BAGO.

São cognatos ainda: BAGALHO, “bago de romã”, porém outrora “grão de uva”, de um lat. *BACACLU ou *BACALIU?, cp. BACCALIA, “loureiro vulgar, que dá muitos bagos”. BAGANHA, “película que cobre a semente” (p.ex., BAGANHA DE UVA) (de um lat. *BACANIA?); BAGAÇO, “resíduo de frutos, etc., após extração do suco”, anteriormente “película das uvas depois de esprimidas, e tirada a substância”, e em um glossário port. do séc. 14 designa “semente ou polpa da uva” (Corominas), e deriva-se de BAGA e -AÇO.

Ligados ao lat. BACCA são BACCAR (helenizado BAC-CHAR) e BACCARIUM, “vasilha de vinho” (Glossário de S. Isidoro).

Nos dialetos italianos há VACO e VAGO, “grão de uva”. Todavia o lingüista D. Silvestri acha que tais nomes, e ainda outros, “não são indicio de práticas difusas da viticultura mediterrânea, mas, sim, deixam entrever uma fase cultural mais antiga, aliada talvez a civilizações pré-agrárias, dedicadas à coleta dos frutos silvestres”. Quanto ao ibérico BACA ou BACCA, “vinho”, “constitui um episódio cultural e lingüístico isolado, cuja atividade vem de uma situação mais antiga, em que o termo teria havido o valor semântico genérico de “bago”, usado para preparar uma bebida fermentada” (D. Silvestri, “La stratificazione dei nomi del vino, ecc.” in STUDI LINGUISTICI IN ONORE DI TRISTANO BOELLI, Pisa, 1974, p. 258 a 267).

-VEL — O sufixo átono port. -VEL de adjetivos, que se exemplifica mediante AMÁVEL, TERRÍVEL, SOLÚVEL, etc., tem origem no lat. -BILE (nominativo -BILIS): AMABILIS, TERRIBILIS, SOLUBILIS, etc. O ponto de partida do lat. -BILIS foi o adjetivo DEBILIS, “débil, fraco; enfermo”. É um composto de DE- e *BILIS. O primeiro elemento é o prefixo DE- com o sentido de “privação”, decorrente do sentido de “afastamento”: DEESSE, “faltar”, DEFICERE, “abandonar; faltar”, DEDECUS, “desonra”, DEMENS, “sem juízo, demente”, etc., e o segundo é *BILIS, “força”, vocábulo que, sob esta ou outra forma, deveria ter existido no latim, cogna-

to do sânscrito BALA, "força", eslavo ant. BOLI-JI, "maior", irlandês ant. BAL-K, "forte; firme", grego BÉL-TEROS, "mais forte; melhor", frígio BALE-N, "rei".

O port. DÉBIL é forma culta, como são TERRÍBEL (p. ex., em Camões), HÁBIL (lat. HABILIS), NÚBIL (lat. NUBILIS), etc.

RÉMORA — É o nome de um peixe da família dos Equeñeídeos (Echenesis remora). É caracterizado por uma espécie de ventosa na cabeça com que se agarra ao costado de navios e mesmo de tubarões e outros peixes. É assim que a rêmora se locomove, pois não tem facilidade de nadar a grandes distâncias. Para alimentar-se, todavia, desprega-se, voltando em seguida ao encosto. Em vista disso, os romanos lhe deram o nome de REMORA, que quer dizer "detença, impedimento, demora", pela crença de que o peixe podia retardar ou impedir a viagem.

Escritores portugueses quinhentistas e seiscentistas usaram metaforicamente o termo RÉMORA para significar a pessoa ou coisa ocasionadora de atraso ou impedimento à marcha de qualquer negócio" (M. Said Ali).

Tinham igual nome os gregos, isto é, ECHENÉS, "retenor (de navio)", que serviu de base para o termo científico.

São sinônimos: AGARRADOR, PEGADOR, PEIXE-PIO-LHO, PIOLHO DE TUBARÃO, PIRAUQUIBA, UPERUQUIBA (A. Vasconcelos). Os dois últimos são tupis e traduzidos "piolho (KYBA) de peixe (PIRÁ)", "piolho de tubarão (UPERÚ ou YPERÚ)".

VALE DE LAGRIMAS — significa "o mundo, esta vida cheia de sofrimentos". É expressão extraída da prece denominada SALVE-RAINHA, dedicada a Maria Santíssima: "A vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas", tradução do latim "Ad te suspiramus gementes et flentes in hac lacrymarum ualle".

Por sua vez UALLIS LACRYMARUM, "vale de lágrimas", foi extraído dos Salmos: "bem-aventurado o homem que de vós espera socorro; que dispôs elevações no seu coração, neste vale de lágrimas no lugar que Deus destinou para si" (83, 6-7). É alusão ao vale árido que tem o nome de Baca ou das lágrimas, que, pois, é símbolo desta vida de provas.

PÁTRIA — vocábulo erudito, é o lat. PATRIA, por sua vez abreviamento da locução PATRIA TERRA, "terra paterna", e, com um substantivo sinônimo, PATRIA TELLUS.

Não se dizia em lat. MATRIA TERRA, "terra materna", porque, no antigo Direito Romano, a mulher não gozava dos

mesmos direitos do homem. O alemão VATERLAND é decalque do latim. O grego PATRÍS, "pátria", referente a PATER, "pai", talvez seja igualmente abreviamento de locução símila, embora aquele seja substantivo.

MATA-BORRÃO — "espécie de papelão poroso que serve para absorver nódoa de tinta ou tinta fresca de um escrito". Dizia-se anteriormente PAPEL MATA-BORRÃO, conforme registraram, p.ex., o DICIONÁRIO de Moraes, o de Figueiredo e o de Francisco de Almeida. O DICIONÁRIO de José da Fonseca define o MATA-BORRÃO como "papel passento", i.e., "que se embebe na tinta". Como sinônimos o Aulete anota PAPEL-CHUPA, CHUPA-TINTA e CHUPA (Norte de Portugal).

Consoante o DICIONÁRIO UNIVERSAL DE CURIOSIDADES, "o mata-borrão nasceu de descuido de um operário inglês da cidade de Berkshire em 1675. O operário preparava a pasta destinada à fabricação de papel e esqueceu-se de juntar a quantidade de cola necessária. Caiu sobre a pasta, em determinado momento, um pouco de tinta, a qual o papel absorveu rapidamente, enxugando-a com grande facilidade. O operário que havia observado o fato com atenção, levou-o ao conhecimento dos seus chefes. E surgiu assim o mata-borrão".

Mas os romanos já tinham conhecimento de uma espécie de mata-borrão, do qual se ignora a natureza ou como era feito. Em Plínio, o naturalista (23-79 d.C.), acha-se a locução CHARTA BIBULA, "carta ou papel que bebe, absorve (BIBERE, "beber"). Consta ainda BÍBULA CHARTA.

O francês BUVARD (documentado em 1830) é abreviamento de PAPIER BUVARD, "papel que bebe", do verbo BOIRE, "beber". O inglês BLOTTING PAPER é "papel de borrão". Em alemão há LÖSCHAPIER, "papel que apaga", e LÖSCHBLATT, "folha que apaga". Em italiano: CARTA SUGANTE.

MATRÍCULA — "lista ou relação dos nomes de pessoas que pertencem ou pertencerão a uma entidade" — forma culta, do lat. MATRICULA. Do lat. MATER, "mãe", formou-se MATRIX, indubitavelmente de acordo com GENETRIX, NUTRIX, etc., com o sentido de "mulher grávida, ou que aleita", e, metaforicamente, "árvore que produz rebentos" e daí "registro de nomes de uma associação, etc.", cujos membros são comparados a rebentos de uma árvore (MATRIX). Porém usou-se mais freqüentemente o derivado MATRICULA, na realidade duplo diminutivo, denunciado por -C. e -L.

Tanto MATRIX quanto MATRICULA vieram a ser empregados na linguagem jurídica dos romanos (p.ex., "lista,

em ordem hierárquica, dos funcionários de um pretório”), e MATRICULA no latim eclesiástico medieval: “registro de uma igreja, onde são inscritos os clérigos que têm direito a remuneração; lista dos pobres socorridos por uma igreja; fundo para esses pobres”.

Como, para se alistar em certas associações, etc., exige-se o pagamento de uma taxa, o port. MATRICULA veio a ser também “emolumento, taxa”.

TEOLOGIA — “ciência que trata de Deus e de tudo que se lhe refere, da Igreja fundada por Jesus Cristo e de sua doutrina”. Termo culto, veio-nos do gr. THEOLOGÍA (lat. THEOLÓGIA), mantida a tonicidade grega. Não é de formação cristã, mas pagã, e significava, entre os helenos e entre os romanos, “conhecimento, estudo, ciência (LOGÍA) que se relaciona com os deuses e deusas (THEÓS, “deus”).

Os gregos distinguiam três modalidades de teologia: a mítica, a física e a civil: “Tres theologias quas Graeci dicunt mythicen, physicen, politicen” (Varrão “apud” S. Agostinho, DE CIVITATE DEI, 6,12). “Genus (theologiae) mythicon, physicicon, civile” (idem, ibidem, 6,5), i.e., “a mitologia: estudo dos deuses (mítica), utilizada pelos filósofos para explicar a natureza (física), o estudo dos deuses honrados no culto da cidade (civil ou da PÓLIS)”.

Escritores cristãos criaram o vocábulo DEILOQUIUM, decalque do termo grego: “ciência (LOQUIUM) de Deus (DEI)”, documentado, p.ex., em ACTA CONCILIORUM ECUMENICORUM, particularmente do Concílio de Éfeso (ano 431), e assim também em obra de um diácono da Igreja romana de nome Rusticus (séc. 6.º). E para substituir THEOLOGUS (gr. THEOLÓGOS) foi criado DEILOQUUS. Ambos não vingaram.

Os autores cristãos empregaram os mesmos termos do paganismo, dando-lhes porém, é óbvio, outros conceitos.

O lat. THEOLOGUS com o sentido de “aquele que escreve sobre os deuses”, i.e., mitógrafo, acha-se, p.ex., em Cícero.

No port., consoante J.P. Machado, a mais antiga documentação escrita de TEOLOGIA aparece no séc. 15 sob as formas TEOLOGIA, TOOLEGIA, TOOLIGIA, TEOLOSIA, THIOLISIA, TIOLISIA, THEOLOSIA, e, no mesmo século, aparece TEOLOGO sob a forma THEOLEGO.

SAÚDE! — “voto que se expressa a alguém ao beber vinho ou outro líquido” é abreviamento de BEBER À SAÚDE DE ALGUÉM. É antiquíssimo o costume de beber em honra de alguém, desejando-lhe saúde.

Os gregos ofereciam uma taça vazia a quem saudavam, mas, depois, enchida, aquele que brindava, bebia uma parte

do vinho, e oferecia o restante à pessoa saudada. Daí se explica o verbo PROPÍNÔ, que quer dizer “beber” (PÍNÔ) antes de (PRO)” alguém ou antes do saudado. O uso passou aos romanos, e com ele o verbo, sob a forma PROPINARE, “dar de beber depois de beber primeiro”, e daí a frase-feita SALUTEM ALICUI PROPINARE, “propinar à saúde de alguém” ou tão-só PROPINARE ALICUI. E bebia-se tantas vezes quantos eram os anos que se auguravam à pessoa assim honrada.

Em Marcial, nos Epigramas, consta BIBERE NOMEN (ALICUIUS), “beber pelo nome de alguém”, i.e., beber tantos copos quantas letras tem o nome da pessoa saudada, e, em Cícero, BIBERE GRAECO MORE, “beber segundo o costume grego”, i.e., beber sucessivamente à saúde de cada pessoa.

Entre os romanos foi criado o subst. PROPINATIO, -ONIS, “desafio a beber”, i.e., aposta para ver quem bebia mais.

No lat. medieval fez-se PROPINA, “dádiva; convite”, que, no port. antigo era “presente, ou dom de dinheiro, pano, ou peça que se dá a alguns oficiais, ministros, lente, por assistência, ou trabalho” (Moraes). Também no italiano PROPINA: “compensação para assistência de um professor, em exames; dinheiro dado a um professor de quem recebe a láurea; honorário ao juiz depois da sentença”.

O verbo latino passou ao port. por via culta — PROPINAR — “dar a beber (qualquer líquido)”. No port. atual o subst. PROPINA é “gratificação, gorjeta”.

BÚBALO, BÚFALO — “ruminante do gênero bovídeo”. BÚBALO é aportuguesamento do lat. BUBALUS, nome da gazela africana, ou de uma espécie, e, mais tarde, búfalo.

BUBALUS é latinização do gr. BOÚBALOS, que, por sua vez, foi acolhido de uma língua africana (cf. cafre-tetense BAWARA, “gazela, alce”), e influência de BOUS, “boi”. O adjetivo correspondente é, em port., BUBALINO, de formação vernácula.

A forma BÚFALO é também aportuguesamento, do lat. BUFALUS, de origem dialetal, provavelmente do osco-umbro. O adjetivo daí decorrente é BUFALINO, de origem vernácula.

A forma latina com -B-, primitiva, é justificada ainda pelo irlandês BUABALL. E a com -F- deve assentar em pronúncia *BUBHALOS.

O port. BÚFALO, ao lado de BÚFARO e BÚFANO, acha-se documentado no séc. 16, ao passo que BÚBALO é de introdução recente (séc. 19). O feminino é BÚFALA e BÚBALA.

AMIGO — Do lat. AMICU. Segundo V. Pisani, o lat. AMICUS não é co-radical de AMARE, “amar”. Formou-se do elemento AM-, “em torno, ao redor”, e do sufixo -ICUS, de

acordo com os modelos ANT-ICUS, “antes, anterior” (mais tarde ANTIQUUS, “antigo”) e POST-ICUS, “atrás, detrás” (mais tarde POSTICUS, “de trás, traseiro”). AMICUS significava primitivamente “próximo, vizinho”, mas logo foi atraído pela órbita de AMARE, AMOR, etc., “com a qual desde os mais antigos monumentos forma uma unidade inseparável”, talvez contribuindo para deslocar o sentido de “amar (com paixão) (lat. AMARE) para o de “sentir amizade; querer bem” (lat. DILIGERE).

Há paralelos mais ou menos similes: O lat. PROPE, “perto”, deu origem a PROPINQUUS, “próximo, vizinho”, e dai “parente”, especialmente no pl. PROPINQUI, “os parentes próximos”. Da mesma base formou-se também PROXIMUS (port. PROXIMO), “o mais perto, o mais vizinho” e dai “parente mais próximo”.

PROXIMUS foi aproveitado pelo Cristianismo para expressar “o outro, o próximo” (Mt 22,39), em sentido religioso.

Da base grega ÁNGCHI, “perto”, criou-se ÁNGCHISTOS, “muito próximo”, e, em seguida, “parente muito próximo”, e ANGCHISTEÚS, “parente próximo”.

O port. PROPINQUOS, vocáculo erudito, tem igualmente o sentido de “parentes”. Fr. Amador Arrais (séc. 16) empregou o singular PROPÍNQUO EM SANGUE, “parente chegado”. E o port. PRÓXIMO, também erudito, como substantivo é da linguagem religiosa: “semelhante criatura racional, como irmão, filho de Deus”. Em Fr. Antônio Feio há o fem. PRÓXIMA. “mulher nossa próxima” (Morais).

PROIBIR — Do lat. *PROHIBIRE, de que manam também o espanhol PROHIBIR e o italiano PROIBIRE. O francês PROHIBER é do lat. PROHIBERE. O lat. é composto de PRO com a idéia de “para frente”, donde “afastado, longe”, e de HABERE, “haver, ter, manter” e dai “manter afastado” e em seguida “desviar, repelir, privar, impedir, vedar”.

POLÍTICA — Para a idéia de “política” os romanos empregavam locuções como CIUILIS SCIENTIA, “ciência referente a cidade”, RERUM CIUILIUM SCIENTIA, “ciência das coisas de cidade”, RES PUBLICAS ADMINISTRANDI SCIENTIA, “ciência de administrar as coisas públicas”, ARS REI PUBLICAE GERENDAE, “arte de gerir a coisa pública”, DISCIPLINA REI PUBLICAE, “disciplina da coisa pública”, e abreviadamente RES PUBLICA. “coisa pública, do povo”.

Os gregos, baseados em PÓLIS, “cidade”, criaram primeiramente o adjetivo POLITIKÓS, -É, -ÓN, e dai substantivadamente POLITIKÉ, mas na realidade abreviamento de POLITIKÉ TÉCHNÉ, “arte relativa a cidade”. Sob a forma TÀ POLITIKÁ acha-se em Aristóteles (384-322 a.C.), o qual afirma-

va ser a política a aplicação ao Estado dos princípios éticos dos indivíduos. Antes de Aristóteles o termo se verifica em escritos de Platão (427-347 a.C.).

O emprego de "cidade" como base do termo possui explicação no fato de que, na antiguidade, cada cidade tinha um governo à parte. Não havia na Grécia antiga um centro político, nem unidade nacional, mas era dividida em muitas PÓLEIS, "cidades", como Estados.

E ao lado de POLITIKÉ formaram-se cognatos como POLITEIA, "governo, vida pública, política, etc.", POLÍTEU-MA, "regime, governo", etc.

Escritores latinos, como Cícero, vieram a usar o adj. grego POLITIKÓS sob a forma POLITICUS.

Foi, todavia, no latim medieval que se empregou POLÍTICA como substantivo, entrando no léxico de várias línguas: português e espanhol POLÍTICA, italiano POLITICA, alemão POLITIKE, inglês POLITICS, etc.

Em vista da política desonesta ou de interesses pessoais criaram-se os depreciativos POLITICAGEM e POLITICALHA, e POLÍTICA veio, ainda, a ser "esperteza, astúcia". Na linguagem popular, principalmente do interior, ESTAR POLÍTICO COM ALGUÉM é "estar em relações inamistosas com alguém".

TRAIR — Do lat. vlg. TRADÉRE (lat. clássico TRADE-RE), "entregar, passar a outrem; ceder, restituir; etc.", promana o port. arc e o espanhol TRAER. Mas ao lado de TRADERE houve também no lat. vlg. *TRADIRE, donde o italiano TRADIRE, o engadino TRADIR, o francês TRAHIR, o port. e o catalão TRAIR.

Por influência bíblica, da idéia de "entregar" passou-se à de "trair, atraiçoar". Verifiquem-se estes exemplos do Evangelho de S. Mateus: "Filius hominis tradetur ut crucifigetur", i.e., "O Filho do Homem será entregue para ser crucificado" (26,2). "Surgite, eamus: ecce appropinquavit qui me tradet", i.e., "Levantai-vos, vamos: eis aí que se aproxima quem me entrega".

DISCÍPULO — é termo culto (lat. DISCIPULUS), difundido pelo Cristianismo. A mais antiga data em documento port. é do séc. 13, segundo A.G. da Cunha, sob a forma DICI-POLO.

No lat. era "estudante; aprendiz; ajudante; criado de loja, de taverna; etc." Em Tertuliano (2.º-3.º séc.) consta "discípulo (de um filósofo)", oposto a "cristão, discípulo do Céu" (APOLOGETICUS, 46,18), e, nas REGRAS DE S. BENTO (séc. 6.º), "monge, discípulo de um abade".

Nos ATOS DOS APÓSTOLOS o lat. **DISCIPULUS** no sing. ou **DISCIPULI** no pl. era freqüente aplicado a qualquer cristão: "Erat autem quidam discipulus Damasci, nomine Ananias..." (9,10; etc.).

Pisani, em análise a esse termo, renunciou a ligá-lo, como é corrente, a **DfSCERE**, "aprender", e aceitou o resultado do estudo de Stowasser, que o faz derivado de **DISCIPIO**, com o sentido de "que resolve caso", cognato e quase-sinônimo de **DISCEPTATOR**, "árbitro, juiz", formado de **DIS-**, prefixo de negação, e da raiz de **CÁPERE**, "apanhar, etc." Nomes em **-PULUS** fizeram de **DISCIPIO** a forma **DISCIPULUS**, e, consciente ou inconscientemente, foi ligado a **DfSCERE**, "aprender".

Autores latino-cristãos criaram o verbo **DISCIPULARE**, "ser discípulo" e "instruir", porém não vingou em nenhuma língua românica.

CISNE — do fr. ant. **CISNE** e este do lat. vlg. **CfCINUS** (antigamente pronunciado: *kikinus*), em vez de **CYCNUS** (lat. clássico), havendo lá vogal epentética. O lat. **CYCNUS** é empréstimo do gr. **KÚKNOS** (pronunciado: *kíknos*), o qual desbancou o lat. **OLOR**, "cisne". O lat. possuía ainda a variante **CYGNUS**, que se explica pela sonorização do **-C-** por causa do **-N-**.

O port. **CISNE** foi introduzido em Portugal depois do séc. 12. Passou algures a ser pronunciado **CIRNE** (inédito rotacismo) em documento do séc. 16 (J.P. Machado), hoje subsistente como sobrenome.

É crença que vem dos antigos europeus o fato de o cisne, ao morrer, cantar maviosamente, e daí a locução — O CANTO DO **CISNE**. Em um documento italiano do séc. 13, declara-se: "E chantarei inanzi la mia morte / Sicchome il cecere quando dei morire", i.e., "e cantarei antes de minha morte, como o cisne ao morrer" (Prati).

Decorre daí aquela expressão empregada metaforicamente como a última produção de um poeta, orador, músico, enfim de qualquer artista, e o uso de **CISNE** como sinônimo de **POETA**, **ORADOR**, **MÚSICO**, etc., p.ex., O **CISNE MANTUANO** (Virgílio). Mas isso é também herança antiga, pois em lat. **CYCNUS** ou **CYGNUS**, além do sentido próprio de "cisne", tinha o figurado de "poeta, cantor", p.ex., **CYCNUS DIRCAEUS**, "o cisne Dirceu" ou Tebas, i.e., Píndaro.

Os zoólogos modernos, contudo, negam o cantar à hora da morte. Algumas espécies externam gritos estridentes, e há mais de uma espécie da Europa cuja voz, muito forte, capaz de modulação, não é desagradável aos ouvidos, principalmente ao longe. Daí se explica que uma espécie é denominada científicamente **CYGNUS MUSICUS**, "cisne músico", e tal se

dá ao voar, porém a espécie CYGNUS OLOR ou CISNE REAL mui raramente externa sua voz sonora. Também nas regiões nórdicas há cisnes selvagens dotados de voz harmoniosa.

O exagero da imaginação popular com a morte de ave tão linda e de voz mais ou menos suave deve ter criado a lenda.

FALAR DE CADEIRA — “falar com autoridade; saber o que diz, por ser assunto de sua especialidade” é tradução do lat. eclesiástico LOQUI EX CÁTHEDRA, “em que se faz referência à cadeira de S. Pedro, quando o papa fala solenemente acerca de assunto importante”.

ANISTIA — “ato pelo qual uma autoridade suprema perdoa crime político, com esquecimento do passado”. O termo está documentado no port. a partir do séc. 18, consoante J.P. Machado, sob a forma AMNISTIA. Mais tarde se fez o verbo A(M)NISTIAR. Remotamente é grego — AMNESTÍA — “esquecimento”, daí “esquecimento de qualquer ato ou fato injusto”. Compõe-se de A-, “negação, e da raiz de MNÉSTIS, “lembraça”, a mesma do lat. MENS, MENTIS, “mente”.

Foi latinizado sob a forma AMNESTIA, e documentado, p.ex., no historiador Flávio ou Flaviano Voprisco (séc. 4 a.C.), com o sentido de “perdão de crime contra o Estado, ou de crime político”.

Foram os gregos ou, mais precisamente, os atenienses os primeiros a empregar o termo, por ocasião da vitória do general e estadista Trasibulo (séc. 4.º a.C.) sobre os Trinta Tiranos, que escravizavam a sua pátria. Por lei votada pelo povo, foi ordenado que ninguém, com exceção dos Trinta e de seus assessores, viesse a ser punido por qualquer delito político praticado durante a tirania. E assim a todos se concedia o “esquecimento” (AMNESTÍA) de seus atos.

O port. A(M)NISTIA, o espanhol AMNISTÍA, o italiano AMNISTIA e o francês AMNISTIE, todos têm sua fonte próxima no lat. AMNISTIA, baseado no grego bizantino AMNISTIA, em que o E da outra forma foi pronunciado I. Conservam o E o inglês AMNESTY e o alemão AMNESTIE.

E — O conetivo E vem do lat. ET. O proto-indo-europeu *ETI, *OTI, fonte do latim, possui origem demonstrativa (Trombetti), de que são resultados o sanscrito ATI, “além de, para lá de, “adiante de”, o persa antigo ATIY, “além”, o grego ÉTI, “além disso”, o eslavo antigo OTU, o gótico ITH.

Ao lado do proto-indo-europeu *ÉTI, *OTI houve, com os mesmos significados primitivos, formas com nasal intercalada, que justificam o alto-alemão ant. ANTI, ENTI, INTI,

UNTI, UNTA, e, com a consoante sonora, o anglo-saxão AND, ENDI, END, OND, o alemão UND, “e”. Relaciona-se com os citados, porém com modificação semântica, o sânscrito ANTI, “em frente”, o grego ANTÍ, “contra”, o latim ANTE, “diante”, o oscio ANT, “até a” (Trombetti). V. ante.

Veja-se o emprego do port. popular MAIS com o valor de “além de”, em lugar da conjunção E: Veio Pedro mais Paulo. Pedro mais Paulo vieram.

VERDADE — O port. VERDADE é o resultado da evolução do lat. UERITATE, e este derivado do adj. UERUS, “verdadeiro”. Consoante A. Trombetti, “as palavras que significam “verdadeiro” derivam freqüentemente, direta ou indiretamente (pelo trâmite da idéia “ser”, verbo) de vozes demonstrativas”. Isto quer dizer que o significado pré-histórico do indo-europeu *UERO foi “isto, isto mesmo, é isto, é isto mesmo”. De fato, essa raiz era um demonstrativo, aparentando a demonstrativos ou pronomes de várias línguas extra-indo-européias: teda (língua africana) MERE; línguas americanas: eudeve ARE, comanche ORE, caxinauá RA, chakchi-quel RE; basco BERE, BERA; etc. O bororo ARE, “igual”, é cognato de ARE, “eles, elas”.

Em guarani AYÉ, “verdade”, é o mesmo AYE, “este”. AYETÉ, “verdade”, é composto de sinônimos: AYE, “este” e ETÉ, “este”. Em tupi, ÇUPÍ, “na verdade”, é composto de dois demonstrativos ÇÚ, sem existência independente, e PÍ. Este faz parte de U-PIU -NDUARA, “o que é verdadeiro; verdade” (-NDUARA é sufixo: “o que costuma ser”). É cognato de AI-PÓ, “esse”. O caingangue PÉ, “verdadeiro, legítimo”, é aparentado ao tupi PÍ ou PÓ, já citados. Por sua vez são coradicais de PY, PY-YA, “este”, do achumawi (1. norte-americana) e que servem de base a PUH, “verdadeiro”.

No cafre-tetense UCHAIYE, “verdade”, tem base em ICHO, “isto” (nada tem de ver com o port. ISTO). No mocovi (1. guaicuru) ENANKA, “verdade”, foi criado na base do demonstrativo ENA.

O grego ETEÓS, “verdadeiro”, e ÉTUMOS, “verdadeiro” (port. ÉTIMO), têm como raiz o demonstrativo *ETE-, *ETU-, cognato também de demonstrativos de numerosas línguas.

Nos idiomas eslavos, da idéia, posterior, de “verdadeiro”, “verdade”, passou-se à idéia de “fé”: russo WERA, WJERA, “fé, crença”, polonês WIARA, idem.

De “verdadeiro”, certamente com idéia de superlativo, adveio o sentido de “muito” no inglês VERY (derivado do francês ant. VERA, hoje VRAI). O tupi ETÉ, de origem pronominal e remotamente cognato do grego ETE-ÓS, veio a ser “verdadeiro, legítimo” e daí também “muito”.

O inglês arc. SOOTH, “verdadeiro”, é derivado do indo-europeu SONT (do verbo ES, “ser”) e cujo significado básico é “é isso”.

ENGENHO — Um dos cognatos do lat. *FIGNERE*, “gerar, criar, causar, produzir” (sentido físico e moral) é *INGENIUM*, cujo valor semântico primitivo era “caráter inato, natural”, e passou a “inteligência, capacidade, habilidade” e daí “capacidade inventiva, imaginação, produto da imaginação, invenção”, donde o port. **ENGENHO**. No lat. medieval veio a ser também “aparelho, máquina”, e, na linguagem militar, “aparelho de guerra” (p.ex., em Tertuliano), em lugar de *MACHINA BELLI*, “aparelho de guerra”, ou *MACHINA* e *MACHINAMENTUM*, de origem grega, e inicialmente era também “invenção”, e, concretamente, “engenho, aparelho” e “máquina de guerra”.

O derivado **ENGENHEIRO** era originariamente tão-só do âmbito militar, assim como **ENGENHARIA**.

R. Kleinpaul, a propósito do alemão *INGENIEUR*, “engenheiro”, tem-no primitivamente como “*Werkmeister der Kriegsmaschinen*”, i.e., “mestre de obras das máquinas de guerra” (DEUTSCHES FREMDWÖRTERBUCH, 2.ª ed., Berlim e Lípsia, s.v.). O alemão recebeu-o do francês *INGÉNIUR*.

O francês ant. *ENGIN*, “engenho”, é sobretudo “máquina de guerra” (R.G. d’Hauterive, DICTION. D’ANCIEN FRANÇAIS, Paris, 1974, s.v.).

ENGENHEIRO CIVIL é provavelmente adaptação do francês *INGÉNIUR CIVIL*, oposto a **ENGENHEIRO MILITAR**, talvez igualmente do fr. *INGÉNIUR MILITAIRE*. Daquele fizemos **ENGENHARIA CIVIL**, e deste **ENGENHARIA MILITAR**.

J.P. Machado registra o port. “**ENGENHEIRO** de **ENGENHO** com provável influência francesa”.

A mais antiga data em documentação de **ENGENHEIRO** é do séc. 16, conforme A.G. da Cunha, e **ENGENHARIA** de 1813 no Dicionário de Moraes.

MARGARINA — “substância pastosa extraída de gorduras animais ou de óleos vegetais com adição de leite e de outros ingredientes em menores proporções” (H.N. Grace).

Foi fabricada, pela primeira vez, na França, em 1870, pelo químico francês Mège-Mouriès, o qual, por essa invenção, foi recompensado por Napoleão III, em vista de o produto fornecer às classes pobres alimento com as qualidades da manteiga, a preço acessível.

Mas o nome — **MARGARINE** — foi dado pelo químico francês Eugène Chevreul (1786-1889), o qual se baseou em **MARGARIQUE**, derivado do grego *MÁRGARON*, “nácar”,

cognato de MARGARITES, “pérola, margarida”, em vista do ingrediente ÁCIDO MARGÁRICO.

Do francês promanaram o port. MARGARINA, o inglês MARGARINE, o alemão MARGARINE e MARGARIN, o espanhol e o italiano MARGARINA.

O ácido MARGÁRICO assim foi denominado pela sua cor de pérola.

NEGAR — O port. NEGAR é o lat. NEGARE, “dizer que não, recusar”. A primeira sílaba NE- é a mesma negativa NE, “não”, e a ela se juntou a partícula enfática enclítica GE, não documentada isoladamente, mas é idêntica ao grego GE, -KI, dórico GA, gótico -K, sânscrito GHA, HA, lituano -GU. - GI, etc.

São negações enfáticas similes o lituano NE-GI, NE-GU, o eslavo ant. NI-JE (J port.), o sânscrito NA-GHA, NA-HI, e o grego, com outro elemento, sinônimo OU-KI.

Da base latina *NE GE formaram-se estes principais vocábulos: NEGOTIUM, “ocupação, trabalho; negócio” (port. NEGÓCIO, termo erudito), literalmente “não” (NE) ócio (OTIUM); NEGITARE, frequentativo de NEGARE; NEGLÉGERE, NEGLIGERE, “desprezar, negligenciar”, literalmente “não (*NE-G) colher, tomar, juntar (LÉGERE, LIGERE)”, NEGLIGENTIA, subst. correspondente ao anterior, e daí o port. NEGLIGÊNCIA (termo culto) e deste NEGLIGENCIAR.

SAPECAR — “chamuscar, crestar, queimar levemente” tem origem no tupi, e é, pré-históricamente, composto de um prefixo ÇA-, da raiz -*PEK-, que, na realidade, é dotada de *PE, “queimar; fogo”, e de -*K. Este elemento é *KA, anti-quiíssimo, o qual dava ao verbo ou ao substantivo significado causativo. Assim, *PEKA vale o mesmo que “fazer (*KA) queimar *PE)”. Outro exemplo simile: tupi POROK, “fruto ou flor (PORO) e fazer (*KA)”, donde “frutificar, brotar”.

Em tupi, com prefixo simile (ainda não identificado semanticamente), é ÇAPY, “queimar”; tem a mesma raiz *PY do vocábulo ÇAPEK.

O botocudo (família botocudo) para a idéia de “fogo” tem TSHONPÉK, composto de *TSHON, “lenha” (sentido obliterado atualmente) e *PEK, “fogo”, o mesmo elemento do tupi (ÇA)PEK.

MULHER — Do lat. vlg. MULLERE, clássico MULIER, arc. MULIES. Foi relacionado arbitrariamente a MOLLIS, “mole”. Não é termo da herança proto-indo-européia, o qual devia ser da mesma raiz do grego GUNÉ. Certamente teria existido, mas desaparecido por qualquer tabu. “MULIER, dizem Ernout e Meillet, é um nome novo, de origem desconhe-

cida". Todavia pode-se relacioná-lo com o verbo **MULGÉRE**, embora este signifique "mungir, tirar o leite". **MÚLIER**, portanto, deveria significar outrora "a que dá de mamar, a lactante".

MÚLIER indica mulher em sentido geral, mas distinta de **UXOR**, "esposa", que é relativa à sua condição social e legal.

FILHO — O proto-indo-europeu ***SUNÚS**, "filho" (cf. inglês **SON**, etc.), foi interditado por qualquer motivo, desaparecendo do uso no âmbito itálico. No lat., como substituto, foi criado **FILIUS** (anteriormente **FELIUS**), donde o port. **FILHO**. A raiz é ***DHE-**, "mamar", concluindo-se daí que **FILIUS** originariamente era "lactente, que mama", cognato de **FEL(L)ARE**, "mamar, sugar". Paralelo lat. **LACTENS**, "criança de mama".

-ACEO, -ACEAS — O sufixo lat. **-ACEUS**, **-ACEA**, que exprime "aspecto semelhante, semelhança", é empregado em Botânica e Zoologia para designar as qualidades gerais de uma família de indivíduos, cujo radical serve de tipo: **ROSACEAS** (**ROSA**), **LILIACEAS** (**LÍRIO**), **GALINÁCEAS** (**GALINHA**), etc. No masc. expressa "semelhança ou participação com um indivíduo": **MIRTACEO** (**MIRTA**), **ROSACEO** (**ROSA**), **GALINÁCEO** (**GALINHA**), etc.

Pode ser que este sufixo lat. **-ACEUS**, **-ACEA** tenha tido na pré-história o sentido de "semelhante" (***-AKE**), de origem demonstrativa, equivalente de "assim. como".

VOTO — O lat. **UOTUM**, de que o port. é forma erudita — **VOTO** — foi de uso freqüente na linguagem do paganismo romano: "voto, promessa, oferenda solene de algo aos deuses, em troca de um favor pedido ou concedido", e no pl. **UOTA**, "súplicas, rezas, oferendas aos mesmos". Eram às vezes acompanhadas de hinos.

Por ocasião de casamento, manifestavam os esposos votos aos deuses para atrair felicidades, donde o emprego de **UOTUM** como "cerimônia nupcial, casamento" (p.ex., no Código Teodosiano, séc. 5.º).

A noiva ou a esposa podiam ser acarinhadas com esta expressão — **MEA UOTA** — "meu bem, meu amor" (p.ex., em Cicero), literalmente "meus votos, minhas súplicas", como resultado das preces.

No Cristianismo **UOTUM** foi aplicado a Deus e aos santos, i.e., "promessa de dar ou fazer algo para os propiciar". É herança o erudito **VOTO**. Significa, ainda, principalmente no pl., "súplicas, orações", e expressão de felicidade aos noi-

vos ou aos esposos. Assim também o pl. UOTA, que além de expressão de augúrio, vale “casamento”.

O port. herdou tanto de UOTUM como de UOTA as formas populares VODO (e daí BODO) e VODA (de que resultou BODA), ambos com o sentido de “festa”. BODO e BODOS designou antigamente “banquete nas igrejas, em certas solemnidades”. A idéia de “festa” decorre da de “festa de casamento”.

BODA, como “casamento”, passou a “celebração de casamento”, porém é mais usado no pl. BODAS, talvez por influência de NÚPCIAS.

A passagem de V para B já se verificava em latim. Coroninas anota BOTUM em inscrições, embora não na Península Ibérica, e derivados com B em glosas.

O verbo latino que corresponde a esses substantivos, é UÓUERE, “fazer voto, prometer em voto; oferecer, dedicar, consagrar”, de uso religioso pagão. Não vingou nas línguas românicas.

O verbo VOTAR foi criado sobre VOTO, e entrou na linguagem política.

TODO — TODO continua o lat. TOTUS, “todo, inteiro”. Remonta ao indo-europeu *TOTO, pré-históricamente a significar “isto isto”, reduplicação do demonstrativo *TO, que se acha no grego TÓ, “isto”, polonês TO, “isto”, sânscrito TA-, gótico THO, “isto”, lat. *TÓ em IS-TU-D, etc.

De igual formação é o sânscrito TÁTI, “tanto”, o grego TÓSO-S (derivado de *TOTSO, “tanto”, e a variante lat. TOT, “tantos”.

O port. TUDO não proveio de TOTUS, mas de *TUTUS (com o 1.º U longo), provável forma dialetal, ou resultado de influxo de CUNCTI (Mohl), “todo junto, todo inteiro”, que produziu também TUCTUS, o qual explica o francês ant. e o provençal TUIT, “todos” (Grandgent), e o regionalismo port. TUIDO (em vez de *TUITO, com influência de TODO). Embora conservando o sentido próprio, o lat. TOTUS se aposou do de OMNIS, “todo, cada um” (em Plauto: TOTIS HORIS), o qual não vingou no português.

OMNIS, sob a forma ONI-, é componente de vocábulos cultos port.: ONIPOTENTE, ONIMODO, etc.

ANTE — Do indo-europeu *ANTI, “em face de, cara a cara”, provém o lat. ANTE, “diante, em frente de; antes” (daí o prefixo port. ANTE-), e o grego ANTÍ, “em lugar de, em comparação de; em frente; contra”. Trata-se, na origem, de um substantivo, “face, rosto” (Thurneysen).

A raiz é *AN-, que sob a forma NA-, acha-se no indo-europeu NA-S, "nariz" (lat. NASUS, NARIS). No semítico é também AN- (cf. árabe AN-F, "nariz").

No tupi verifica-se paralelismo: OBA, "rosto", e dai OBA-BÓ, OBA-KÉ, "diante de; em frente". O fato se repete em numerosas línguas.

FORA — "no lugar exterior, externamente" continua o lat. vlg. FORA, em vez de FORAS. O port. arc. FORAS, segundo J.P. Machado, não representa o lat. FORAS, porém é fato analógico, graças ao -S de MAIS, CHUS, "mais", ME(N)OS, etc.

O lat. FORAS, "para fora", é cognato do sinônimo FORIS, "fora de, por fora", e tem por ascendente o indo-europeu *DHUVOR-, "porta". Cp. lituano DURY-S, sânscrito DVARA, ingl. DOOR, grego THURA, alemão TÜR, etc., todos com o sentido de "porta".

A noção de "fora", dizem Ernout e Meillet, é freqüentemente expressa por formas que significam "à porta". Mais exatamente a ela se refere, falando de dentro da casa.

Cognatos são ainda o lat. FORES e FORIS, ambos "porta".

CUSPIR — Para expelir a saliva, cuspir, requer forte explosão acompanhada de rumores labiais ou dentais, i.e., de sons explosivos isolados ou não, como é o caso, p.ex., do grego PTUÓ, PUTIZÓ, lat. SPÚERE, cafre-tetense PSIPA, caiapó APTO, ona POTEN, etc., todos com o valor de "cuspir" ou "escarrar".

O lat. SPÚERE está por S-PU-ERE, com S- talvez índice de cansativo ou intensivo. E de uma forma *ISPUIRE tem-se ESPUIR, sinônimo.

Do composto CONSPÚERE é que, através de *CO(N)-SPUIRE, chegou-se a *COSPIRE e dai a CUSPIR. Contudo há documento de COSPIR (séc. 13), segundo A.G. da Cunha.

CONSPÚERE quer dizer "cuspir (SPÚERE) sobre (COM)", i.e., "cobrir (alguém) de ou com cuspos" (sentido físico e moral).

Na crença popular o cuspir ou o escarrar tem valor mágico de conjurar males, expelir doenças, assim como de manifestar desprezo a alguém. Disse Teócrito em uma de suas obras (3.º séc. a.C.): "Três vezes eu cuspo sobre meu peito para livrar-me de feitiços fascinantes", e Plínio "contou que cuspiam para desviar feitiçarias e para melhor golpear um inimigo" (B. Berry, VOCÊ E SUAS SUPERSTIÇÕES, trad., SP, 1945, p. 290). E Plínio também declarou: "Pedimos graça da parte dos deuses em cuspindo no seio".

Entre os indígenas americanos, p.ex., é comum o pajé pretender curar doenças mediante chupadas e expulsão da saliva, como quem lança fora a doença. Também, ao soltar baforadas de fumaça do charuto que fuma, cospe no corpo do doente (K. von den Steinen, ENTRE OS ABORIGINES DO BRASIL CENTRAL, trad., SP, 1940, p. 443).

Os compostos latinos DESPÚERE, EXSPÚERE e RESPÚERE tinham inicialmente o significado de “rejeitar com desprezo alguém ou algo”, e INSPÚERE valia mais ou menos a CONSPÚERE.

Há em port. outro membro da família, que é ESCUPIR, qualificado chulo por C. de Figueiredo; é espanholismo, de ESCUPIR, por sua vez derivado de um hipotético *EXCOPIRE (com dissimilação do -S), em vez de EXCONSPÚERE.

Não há unidade de forma no indo-europeu por tratar-se de onomatopeia.

GENTIOS — Na versão da Bíblia chamada dos Setenta, tradução do Antigo Testamento para o grego, o termo hebreu GOYIM, que significa “povos, gentes” (pl. de GOY), aplicou-se especialmente a todos os não-judeus (p.ex., em Isaías 2,2), e, no Cristianismo, aos pagãos. teve como correspondente grego ÉTHNE ou ETHNIKÓS (p.ex., nos Atos 14,2 e 5).

Na tradução para português tem-se usado GENTES, GENTIOS (daí GENTILIDADE, GENTILISMO), ÉTNICOS, PAGÃOS.

Ainda hoje os judeus denominam GOYIM a todos os povos, cristãos ou não-judeus. Em port.: GÓI, GÓIM (subst. masc. e fem.).

ORTOGRAFIA — Termo erudito, é o grego ORTHOGRAPHIA, composto: “escrita (GRAPHIA) correta (ORTHÓS)”: 1) “Sistema de escrita oficial de uma língua”, e 2) “correta representação escrita de palavras, conforme certo sistema”.

Escritores de língua latina vieram a empregar ORTHOGRAPHIA com dois principais sentidos: O historiador romano Flávio Magno Aurélio Cassiodoro (ca. 490—ca.585) na obra DE ORTHOPRAPHIA, esta palavra significa tão-só “arte de escrever em geral”, e Marco Vitrúvio Pólio, arquiteto romano (88 a.C.-26), autor da obra DE ARCHITECTURA o termo possui o sentido de “representação geométrica de uma elevação ou de um edifício com suas dimensões normais reduzidas”. É também “projeção em que as linhas são perpendiculares sobre um plano; projeção ortogonal”.

O Dicionário de Moraes, além da definição gramatical, dá-o como “a arte do desenho; o desenho feito”, e, “perfil”, como termo da Fortificação.

·AO — O sufixo port. **·AO** com valor aumentativo origina-se da terminação **-ONE(M)** (acusativo). Exprimia agente: **POLIO**, **POLIONIS**, “polidor”, **EQUISO**, **-ONIS**, “domador de cavalos”, **SABULO**, **-ONIS**, “citarrista”, **FULLO**, **-ONIS**, “pisoeiro”, etc., e exprimia também uma característica do indivíduo, e logo o conceito de aumentativo e depreciação: **BIBO**, **BIBONIS**, “aquele que bebe”, donde “beberrão”, **EDO**, **-ONIS**, “aquele que come” dai “comilão”, **COMEDO**, **-ONIS**, idem, **GULO**, **-ONIS**, “guloso”, **GLUTTO**, **-ONIS**, “glutão”, **BUCCO**, **-ONIS**, “bochechudo; falador”, **PEDO**, **-ONIS**, “pezudo”, **STRABO**, **-ONIS**, “vesgo”, **MORIO**, **-ONIS**, “louco, tolo”, etc.

Se bem que não se ache documentado ***NASO**, ***NASONIS**, “narigudo”, confirma-se a sua existência pelo antropônimo **NASO**, **NASONIS** (cf. o nome próprio **STRABO**, **STRABONIS**, etc.).

Em várias regiões da România a expressividade chegou ao valor de diminutivo, portanto diametralmente oposto.

CRIANÇA — outrora significava “criação, ato ou efeito de criar”. Dizia-se, p.ex., **A CRIANÇA DA SEDA**, “a criação da seda”.

Aplicou-se não só ao ser humano que se começa a criar, mas também ao animal recém-nascido ou novo: **CRIANÇA DA VACA**, **DA ÉGUA**, **DAS ABELHAS**, etc.: “O crocodilo ainda era criança”, i.e., “novo, pequenino”, “os peixes não desovam uma só criança”. E até para vegetais: “A árvore enquanto criança...” (Moraes).

Hoje, emprega-se **CRIA** para os animais, e **CRIANÇA** para os seres humanos.

Na linguagem popular ou gírica **CRIA** é “pessoa criada a expensas ou com a proteção de outrem” (Viotti), e **CRIANÇA** é um “preso muito jovem” (A. Tacla), e “bola de futebol” (E.C. Silva), visto como é comum o jogo de bola entre as crianças. E no port. ant. **CRIANÇA** queria também dizer “educação”.

CRIANÇA é formado popularmente do verbo **CRIAR** com o sufixo **-ANÇA**, do lat. **-ANTIA**.

PONTÍFICE — O fato de os homens da antiguidade construírem pontes era grande temeridade, pois os rios foram tidos como seres vivos dotados de forças estranhas.

“Quem atravessava um rio, diz L. de Vasconcelos, ou lhe punha uma ponte, profanava o seu domínio” (OPÚSCULOS, V, 522). “Todos os entes assombrosos, . . . , as próprias feiticeiras e feiticeiros não atravessavam água viva” (C. Cascudo, DIC. DO FOLCLORE BRAS., s.v. **ÁGUA**).

Os romanos, que se tornaram notáveis construtores de estradas, não poderiam ficar sem unir regiões separadas por um rio, principalmente se se tratasse do Tibre, que banha Roma.

Embora não haja documentação, é bem plausível que, por aqueles motivos, ao edificar-se a primeira ponte sobre o principal rio, procedeu-se a cerimônias religiosas propiciatórias sob a chefia de um sacerdote. O acontecimento foi tão importante que ele recebeu o nome PÓNTIFEX, i.e., “feitor, construtor (FEX, de FÁCERE, “fazer”) da Ponte (PONTI)”.

Era de madeira, assentada em espeques ou esteios (lat. SÚBLICES), por isso foi assim denominada SUBLICIUS PONS (ou PONS SUBLICIUS). Governava Roma Anco Már-cio, quarto rei (641-617 a.C.), de quem partiu a ordem para a sua construção.

É de Roma, como “cidade da Ponte”, que normalmente se faz a comunicação entre a Itália do Sul e a do Norte, e a ponte do Tibre é a razão de ser inicial da cidade (Ernout e Meillet). Era, pois, importantíssima. Foi, contudo, arrasada por uma inundação e reconstruída de pedra pelo censor Emílio, derivando daí o nome AEMILIUS PONS.

Sobre o mesmo rio os romanos construíram outras pontes de pedra.

Primeiramente cabia ao pontífice a guarda da SUBLICIUS PONS. Mais tarde PÓNTIFEX (outra forma PÓNTU-FEX) designava um membro do principal colégio dos sacerdotes romanos (na origem apenas quatro), a quem cabia a vigilância do culto oficial e público, e cujo chefe recebeu o título de PÓNTIFEX MÁXIMUS. Entre as insígnias destes o machado (SECURIS) lembrava, talvez, o instrumento do construtor da primeira ponte.

O título PÓNTIFEX MÁXIMUS veio ainda a ser aplicado aos imperadores, a começar de Augusto.

Com o advento do Cristianismo PÓNTIFEX foi dado ao sumo sacerdote dos judeus, a Jesus (Hebr 5,5; Clemente Romano, AD CORINTHIOS EPISTULAE, I,36,1: “Summus pontifex Jesus Christus”), ao bispo (S. Jerônimo, EPISTULAE, 108,6) e finalmente ao papa.

O port. PONTÍFICE, vocábulo culto, está documentado sob a forma latina no séc. 15, e sob a atual no séc. 16 (J.P. Machado). Tem base nos casos oblíquos (PONTIFICIS, etc.).

.OSO, -OSA — O sufixo lat. -OSUS, -OSA, -OSUM tem sua origem no indo-europeu *WENT-, a que precede O- e segue -TO, quiçá este de origem demonstrativa: *O-WEN-T-, e cujo sentido era “provisto de; cheio de”, passando também a valer “qualidade”.

No âmbito latínico veio a ser *O-UNTS-TO-S, simplificado, em lat., em -ONSUS e dai -OSUS. É sufixo de muita difusão: FICOSUS, LANOSUS, SUCCOSUS, TUBEROSUS, LACTOSUS, SABULOSUS, BELLICOSUS, GENEROSUS, etc.

Em sânscrito aparece sob a forma -VANT-T-: ÁPAVANT-, “aquoso”, e, em grego, WEN-T- e mais tarde -EIS: OPÓEIS, “sucoso”, AMPÉLÓEIS, “coberto de vinhas”, CHARÍEIS, “gracioso”, etc.

ABSTRACT

These etymologies above added to those published in LETRAS, 32, 1983, will be included by the Author in a future edition of the DICIONÁRIO DE ETIMOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA.